

OBSERVAÇÕES SOBRE OS CLÍTICOS

Nataniel dos Santos Gomes (CIFEFiL/UFRJ/UNAM/UNESA/UniverCidade)

RESUMO

Descrição do comportamento dos clíticos, não somente em português, mas em diversas línguas. Classificação dos clíticos para diversos teóricos. Afixos e concordância.

Palavras-chave: 1. Lingüística, 2. clíticos, 3. descrição lingüística

INTRODUÇÃO

Os clíticos são elementos que compartilham, de um lado, certas propriedades de palavras independentes, e de outro, certas propriedades de afixos.

Os clíticos pronominais, por exemplo, se comportam sintaticamente como os próprios argumentos verbais. Fonologicamente, todavia, eles não são capazes de sustentar acento sozinhos. Sendo assim, eles precisam se agregar a um hospedeiro.

Em Português, o clítico *me* apresenta essas características. Ele é sintaticamente ativo, já que é o objeto do verbo. Fonologicamente, porém, ele é deficiente e precisa se agregar ao verbo, tornando o complexo V + clítico uma só unidade em termos fonológicos.

(i) Eu corto-me quando faço a barba.

Pronomes, verbos auxiliares, conjunções e artigos podem ocorrer na forma de clíticos nas línguas naturais.

Existem dois tipos de clíticos: os especiais e os locais. Os primeiros podem se agregar a qualquer palavra desde que esta esteja na posição adequada. Os segundos se agregam às palavras que os regem.

(ii) Ele *me* fez emagrecer.

(*me* ocorre agregado ao verbo principal, apesar de ser o sujeito do verbo dependente)

A posição que os clíticos ocupam na oração pode estar condicionada a vários fatores.

Em certas línguas, a colocação do clítico é determinada pela acentuação ou por outros fatores prosódicos da sentença. Esse parece

(x) Quando *o* viram?

(xi) * Quando viram-no?

É preciso investigar qual o fator que condiciona o aparecimento desses clíticos em 2ª posição.

Clitic climbing (ou subida de clíticos).

Certos tipos de clíticos referentes ao sujeito ou ao objeto de um verbo subordinado podem ocorrer agregados ao verbo da oração matriz.

(xii) Eu *o* fiz correr.

Em (xi), o sujeito do verbo *correr* – *o* – aparece agregado ao verbo matriz.

Em algumas línguas, as formas pronominais podem ser divididas morfofonologicamente em formas plenas e clíticos. Em geral, as formas plenas são usadas para indicar ênfase.

Em Polonês, assim como em várias outras línguas, um clítico pronominal não pode iniciar uma sentença. A forma plena deve ser usada porque a posição inicial da sentença do Polonês é reservada.

Há elementos que exprimem ênfase ou contraste:

Polonês

(xiii) *spotykam-go*

eu-encontrar-ele

‘Eu o encontrei’.

(xiv) *jego spotykam*

ele eu-encontrar

‘Foi ele que eu encontrei’ ou ‘*Ele*, eu encontrei.’

Clíticos e concordância

Em muitas línguas, os clíticos não podem co-ocorrer com um sintagma nominal / pronominal com a mesma função.

Em Português, por exemplo, o clítico não aparece / não co-ocorre com um sintagma nominal que expressa a mesma relação com o verbo:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(xv) * *Eu a vi a Maria.*

Dados como (xv) parecem indicar que, os clíticos representam os sintagmas argumentais, eles e os sintagmas nominais precisam estar em distribuição complementar. O uso de um exclui o outro:

(xvi) *Eu a vi.*

(xvii) *Eu vi a Maria.*

Em outras línguas, todavia, há um fenômeno que permite que tanto o clítico quanto o sintagma nominal podem co-ocorrer. Esse fenômeno é denominado na literatura de *clitic doubling* (ou redobro de clítico).

Fiorentino

(xviii) *La Maria la parla.*

A Maria ela fala 'A Maria, ela fala'.

Espanhol

(xix) *Lo vimos a Juan.*

'Vimos o João'.

Serbo-Croata

(xx) *dajte-mu ja kos)la-ta.*

Dar-3sg-dativo 3fem-acus camisa-fem.

'Dê ela a ele, a camisa'

Para alguns investigadores, o clítico seria, nesses casos, o argumento do verbo, enquanto que o sintagma nominal redobrado seria uma forma de adjunto:

(xxi) *A Maria / ela fala.*

(xxii) *Vimo-lo / o João*

(xxiii) *Dê-la a ele, a camisa.*

Estruturas como as exemplificadas acima (xxi) – (xxiii) são denominados na literatura de “Deslocamento para a esquerda ou para a direita”.

Nesse tipo de estrutura do Português, o sintagma nominal

ocorre na função e posição de tópico (ou foco?) ou antitópico, enquanto que o argumento do verbo (sujeito ou objeto) é expresso na forma de um clítico (quando objeto) ou de um pronome (quando sujeito).

Para alguns investigadores, todavia, o clítico é um espécie de afixo de concordância nesses casos de recobro, enquanto que o sintagma nominal é o próprio argumento verbal. A relação verbo+clítico e SN é de concordância.

Há, porém, certas propriedades que distinguem clíticos de flexão de concordância:

concordância é obrigatória e clítico são opcionais;

concordância não proíbe redobro, os clíticos podem proibir;

em muitas línguas, a presença de um clítico faz com que o SN (adjunto) tenha ordem livre.

Em línguas como o Chichewa (Bantu), por exemplo, a ordem da oração é SVO. Quando o marcador de objeto ocorre agregado ao verbo, ele libera o SN adjunto que pode ocorrer em qualquer ordem: SOV, OVS, VOS.

Chichewa

(xxiv) njûchi zi-na-lúm-a alenje

SVO

abelhas sujeito-passado-morder-indicativo- caçador 'As abelhas morderam o caçador'

(xxv) njûchi alenje zi-ná-wá-lúm-a

abelhas caçador sujeito-passado-objeto-morder-indicativo

SOV

'As abelhas morderam o caçador'

Observa que a ocorrência de *wá* libera o objeto e este pode ocupar qualquer posição na sentença. Esse fato parece indicar que *wá* é o próprio objeto, enquanto que o SN é um adjunto. Seriam os morfemas que aparecem prefixados ao verbo numa seqüência de clíticos?

Afixos ou clíticos?

Em Palavan, os elementos pronominais verificados no verbo são analisados como concordância e não como clíticos. Sendo assim, são formas de concordância que não possuem um *status* sintático independente em nenhum nível de representação.

Palavan é uma língua ‘pro-drop’ ou de argumento nulo. Isso significa que quando não há um sintagma nominal presente, há um argumento nulo estruturalmente representado:

(xxvi) ak-mil’er-ar [pro] ‘I bought it’

1sg-comprar-3sg

(xxvii) ak-mil’er-ar a mlai ‘I bought the car’

1sg-comprar-3sg carro

Existem alguns casos em que a presença de marcadores pronominais nos verbos ou nomes impede a ocorrência de um sintagma pronominal como nos mostram os dados a seguir:

(xxviii) ak-remurt

1sg-correr

‘Eu estou correndo’

(xxix) * ak-remurt ngak

1sg-correr eu

‘Eu estou correndo’

Para Georgopoulos, casos como (xxviii) e (xxix) indicam que em (xxviii) já há um argumento sujeito – o pronome vazio *pro*. Sendo assim, um elemento pronominal pleno não pode ocorrer.

Para outros investigadores, todavia, a incompatibilidade entre a flexão de concordância e pronomes livres é um indício de que os marcadores pronominais como em (xxviii) e (xxix) são os próprios argumentos pronominais que aparecem no verbo ou no nome através de um processo de incorporação.

Georgopoulos fornece algumas evidências de que os elementos pronominais verificados nos verbos e nomes são uma forma de concordância. Em primeiro lugar essas formas podem co-ocorrer com sintagmas nominais plenos. Como bem nota o autor, um único argumento verbal não pode ocorrer na forma de dois itens lexicais: um pronominal e um nominal. De acordo com o critério T, só há um

papel semântico para ser atribuído e esse papel só pode ser atribuído a um único argumento. O verbo “matar” seleciona um argumento no papel de paciente e esse papel não pode ser conferido a dois elementos. Além disso, em casos de redobro de clíticos, os sintagmas nominais devem ocorrer acompanhados de uma adposição.

BIBLIOGRAFIA

- AOUN, Joseph. *Clitic-Doubled Arguments*. University of Southern California. [MS], 1996.
- BORSLEY, Robert and ROBERTS, Ian. *The syntax of the celtic languages: a comparative perspective*. New York : Cambridge, 1996.
- FONTANA, J.M. “*On the integration of second position phenomena.*” In.: KEMENAD and VICENT, Nigel. *Parameters of morphosyntactic change*. Cambridge : Cambridge, 1997, p. 207-250.
- GEORGOPOULOS, Carol Perkins. *Syntactic variables: resumptive pronouns and A'binding in Palaun*. Dordrecht : Kluwer Academic Publishers, 1991.
- HAEGEMAN, Liliane. *Introduction to government & binding theory*. 2 ed. Massachusetts : Blackwell, 1994.
- HALPERN, Aaron L. “*Clitics*”. In: Spencer, Andrew and Zwicky, Arnold M. *The handbook of morphology*. Massachusetts : Blackwell, 1998.
- HALPERN, Aaron. *On the Placement and Morphology of Clitics*. California : CSLI Publications, 1995.
- HENDRICK, Randall. “*Morphosyntax*”. In.: Webelhuth, Gert. *Government and Binding Theory and the Minimalist Program*. Cambridge : Blackwell, 1995.
- JELINEK, Eloise. *Definiteness and second position clitics in straits salish*. University of Arizona, [mss], 1993
- ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo : Contexto, 2000.